

# Limpeza do lago milionária

DARSE JÚNIOR  
DA EQUIPE DO CORREIO

**E**studo encomendado pela Companhia de Saneamento do Distrito Federal (Caesb) mostra que a retirada de todo o material depositado no fundo do espelho d'água do Lago Paranoá custaria US\$ 164 milhões, cerca de R\$ 500 milhões pelo câmbio oficial de ontem. O governo local pretende realizar a recuperação por partes e a prioridade é o braço do Rio Fundo, que desagua na QL 2 do Lago Sul, o mais prejudicado e cuja recuperação está orçada em R\$ 60 milhões.

Ao todo, 40 milhões de m<sup>3</sup> de detritos foram despejados no lago ao longo dos últimos 40 anos. Um processo que os técnicos chamam de assoreamento. A quantidade equivale a 40 mil caixas d'água de mil litros (padrão residencial). "A retirada desse material pode ser pontual. O governo vai se concentrar primeiro nos locais mais críticos", explica o assessor de modernização da Caesb, Marcelo Texeira. Não há, no entanto, previsão orçamentária neste ano para a recuperação do lago. O governo pretende levantar o dinheiro por meio de empréstimos junto a instituições financeiras internacionais, como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

O segundo afluente do Paranoá mais degradado, de acordo com o relatório da Caesb, é o Rio Beirão do Bananal, que passa pelo Parque Nacional de Brasília e deságua no final da Asa Norte. Em seguida, vem o Gama Cabeça de Veados, na QL 16 do Lago Sul. Por último, está o Rio Beirão do Torto, no Varjão, o menos atingido. Ambientalistas cobram medidas para recuperar as áreas assoreadas e conter o crescimento irregular das cidades.

"Mesmo que o custo seja alto, a retirada deve começar. Meu medo é que o processo continue e um oportunista proponha a ocupação de uma área onde antes era lago", afirma Fernando Fonseca, ex-presidente do Instituto de Ecologia e Meio Ambiente (Iema). Ele cita o caso da Lagoa Rodrigo de Freitas no Rio de Janeiro, onde foi construído o Hipódromo da Gávea e um terço do espelho d'água desapareceu. "Podemos ver bancos de areia com vegetação, onde antes o lago tinha dois metros de profundidade", lamenta.

A retirada do material do fundo do lago só pode ser feita pelo processo de dragagem. De acordo com os especialistas, é importante, além de dragar, recuperar a vegetação original dos leitos dos riachos e do lago e ordenar a ocupação das terras do DF. "Estudos técnicos apontam que nossas estações de tratamento estão trabalhando com o padrão máximo de eficiência. Novos assentamentos podem prejudicar a qualidade do tratamento", explica Mônica Veríssimo, doutora em Geologia e presidente da Fundação Sustentabilidade e Desenvolvimento.

Fotos: Paulo de Araújo



O ASSOREAMENTO DO LAGO OCORRE NATURALMENTE, MAS A OCUPAÇÃO DESORDENADA E A DESTRUIÇÃO DA VEGETAÇÃO CILIAR ACELERAM O PROCESSO



## CONTRAPONTO

**PODEMOS VER BANCOS DE AREIA COM VEGETAÇÃO, ONDE ANTES O LAGO TINHA DOIS METROS DE PROFUNDIDADE**

*Fernando Fonseca, ex-presidente do Instituto de Ecologia e Meio Ambiente (Iema).*

São duas estações de tratamento de água no DF, onde é feito o controle e a filtragem da água que chega ao lago. Uma das metas é reduzir a quantidade de fósforo do

material que é despejado no Paranoá e evitar o que os técnicos chamam de eutrofização (*leia quadro ao lado*). A substância química pode gerar o aumento da quantidade de algas na superfície do espelho d'água, a morte dos peixes e o mau cheiro na região. Em 1978, houve um surto de algas que ficou conhecido no DF pelo odor.

Para evitar que o processo de degradação continue com a ocupação irregular do solo, o governo discute a elaboração dos Planos Diretores Locais (PDL) para as diversas regiões administrativas e, no geral, elabora o Plano Diretor de Ordenamento Territorial (PDOT). Com a medida, pretende-se definir as regras, os limites e a direção para onde as cidades podem crescer. Para Mônica Veríssimo, no entanto, o governo está equivocado, porque não integrou as políticas urbanas e ambientais.

"A natureza não funciona em caixinhas. Todo o sistema está integrado. A população e os especialistas têm de ser chamados para o debate", critica. "Os planos obedecem a um cronograma. Primeiro é preciso os vários órgãos do governo se reunirem, depois o debate é aberto para a comunidade", rebate a secretária de Desenvolvimento Urbano e Habitação, Ivelise Longhi.

## O PROBLEMA

### O que é assoreamento

● É o depósito de detritos nos fundos dos riachos, lagos e rios. Trata-se de um processo natural, com velocidade lenta e gradual. A ocupação desordenada do solo e a destruição das matas galeras e vegetação ciliar aceleram o ritmo do assoreamento. Com isso, reduz-se a profundidade do espelho d'água e da vida aquática no Paranoá.

### Como funciona

● Naturalmente a água da chuva e os afluentes trazem resíduos sólidos que são depositados no fundo dos lagos e rios. A mata ciliar protege as margens, impedindo a chegada de alguns materiais.

● Com o desmatamento e a ocupação irregular do solo, maior quantidade de resíduos chegam até o espelho d'água, acelerando o assoreamento e reduzindo a profundidade do Lago Paranoá.

● Espécies aquáticas responsáveis pela limpeza do lago necessitam de uma profundidade mínima para sobreviver. Com o assoreamento, elas migram ou simplesmente morrem e a qualidade da água fica prejudicada.

### O que é eutrofização

● É o excesso de fósforo nos lagos e rios gerado pelos dejetos jogados no espelho d'água pela população. Com o elemento químico em abundância, as algas se multiplicam e a quantidade de oxigênio na água é reduzida. O processo gera a mortandade de peixes e mau cheiro.

### Como funciona

● O lixo que chega ao lago contém grande quantidade de fósforo. Mesmo o material que sai das duas estações de tratamento contém 10% do elemento químico.

● O aumento das ocupações irregulares gera acúmulo de resíduos despejados na água. O aumento do fósforo causa a multiplicação das algas.

● Com o grande número de plantas, aumenta o consumo de oxigênio e as próprias algas morrem e vão para o fundo do espelho d'água. Lá o material apodrece, gerando o mau cheiro. A redução de oxigênio e o apodrecimento da vegetação causam a mortandade dos peixes.